

ÉRICA ANTUNES PEREIRA
MARIA DE FÁTIMA FERNANDES
SIMONE CAPUTO GOMES

(Organizadoras)

Cabo Verde

100 Poemas

Escolhidos



PEDRO CARDOSO
LIVRARIA

Cabo Verde
100 Poemas
Escolhidos

ÉRICA ANTUNES PEREIRA
MARIA DE FÁTIMA FERNANDES
SIMONE CAPUTO GOMES
(Organizadoras)

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio, **NOMEADAMENTE FOTOCÓPIA**, esta obra. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor.

Editor: Pedro Cardoso Livraria

FICHA TÉCNICA

Título: Cabo Verde – 100 Poemas Escolhidos

Autores: Vários

Capa: Pedro Mota

Fotografia da capa: Érica Antunes Pereira pelo Grupo de Estudos
Cabo-verdianos CNPq/USP

© Autor. Direitos de edição reservados à Pedro Cardoso Livraria
para edição em Língua Portuguesa

1ª Edição – Novembro de 2016.

Impressão e acabamentos: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-99610-5-0

Depósito Legal: 416469/16

Tiragem: 1500 Exemplares

Sumário

Apresentação	11
Um cipreste	13
Antónia Gertrudes Pusich	
A Ilha Brava	14
Guilherme Dantas	
Endechas do Paul	16
António Januário Leite	
Força de crecheu	17
Hora di bai	18
Partindo	20
Triste regresso	21
Eugénio Tavares	
A Fajã	23
Minha terra!	25
José Lopes	
A minha Pátria é uma montanha	34
Ser neto de Portugal	35
Pedro Cardoso	
Presentaçôm	36
Tempe de caniquinha	37
Sérgio Frusoni	
Casebre	39
Prelúdio	41
Você, Brasil	42
Jorge Barbosa	
Terra-Longe	45
Pedro Corsino de Azevedo	

Cais	46
Écran	47
Sísifo	49
Manuel Lopes	
A serenata	50
Capitão das ilhas	52
Panfleto	53
Osvaldo Alcântara (Baltasar Lopes)	
Vi um batuque	55
António Pedro	
Poema de amanhã	56
Ritmo de pilão	57
Terra	58
António Nunes	
Móóóia	60
Salinas	62
Luís Romano	
Regresso	64
Amílcar Cabral	
Seara	65
Teobaldo Virgínio	
Dois poemas do mar	66
Arnaldo França	
Ilha	67
Paisagem	68
Daniel Filipe	
Caminho longe	69
Manhã submersa	70
Seca terra e pobre	72
Gabriel Mariano	
Anti-evasão	73
Flagelados do Vento Leste	74
Poema salgado	75
Ovídio Martins	
Canção nocturna	76
João Rodrigues (Djunga)	

Vértice	78
Artur Vieira	
Canção da roça	79
Terêncio Anahory	
De boca a barlavento	80
Não há fonte que não beba da frente desse homem	82
Quarteto para um retrato	85
Zen	88
Corsino Fortes	
Djom Pó-di-Pilom	89
Jorge Pedro Barbosa	
As águas	90
Manhe	91
Quadro	92
Onésimo Silveira	
Não é para mim	93
João Vário (Timóteo Tio Tiofe/João Manuel Varela)	
O primeiro livro de Notcha – Primeira Parte – Prólogo	94
O primeiro livro de Notcha – Terceira Parte – Discurso I	95
Timóteo Tio Tiofe (João Vário/João Manuel Varela)	
Andei a vida toda a enganar-me	97
Rosa (in) fixa	98
Teu nome e as estações	100
Oswaldo Osório	
Eis-me aqui África	101
Quando a vida nascer	105
Quem tem ouvidos para ouvir	108
Mário Fonseca	
Caso fôssemos refratários	110
Construção na vertical	111
Ser poeta	112
Tuto è finito	113
Arménio Vieira	
Por que havias de chegar	114
Dina Salústio	

Regresso	115
Jorge Miranda Alfama	
As palavras que se diziam	116
Carlota de Barros	
Canto a Cabo Verde	117
Na som di batuco	121
David Hopffer Almada	
Canção de Nha Chica	122
Armando Lima Jr.	
Dimokransa	123
Adversário só a secação	125
Kaká Barboza	
Conjugação nocturna	126
Quatro-tempos-o-mesmo-vento	128
Jorge Carlos Fonseca	
Mi na mundu	129
Sima sol di tudu dia	130
Tomé Varela da Silva	
A canção do corpoamor	131
Companheiro	135
Em Gorée eu chorei	136
Vera Duarte	
Barcos de florestas desaparecidas	137
Tenho sempre teus olhos na minha cegueira	138
Tchalé Figueira	
Passageiro do tempo	139
Canabrava (Pedro Alberto Andrade Vieira)	
E o Homem recuava do corpo	141
Daniel Medina	
Cabo Verde	142
Maria Helena Sato	
Rosa dos ventos	143
José Vicente Lopes	
Antichuva	144
País ilhéu	145
José Luís Hopffer C. Almada	

Decifrar a pedra	147
Escrever de pulso aberto	148
Quem te tatuaria?	149
Filinto Elísio	
Prenúncio	151
Danny Spínola (Euricles Rodrigues)	
Rubro sentir	152
Euricles Rodrigues (Danny Spínola)	
Prelúdio	154
Requiem	155
Mário Lúcio Sousa	
PoeMito concretista	156
Mito (Fernando Hamilton Barbosa)	
De Mindelo	157
António de Névada	
Do menino que atirava pedras	158
Evel Rocha	
Poeta que sou	159
Margarida Fontes	
Nota Si em cio	160
Abraão Vicente	
A minha gente	161
Eileen Barbosa	
Índice onomástico	163
As organizadoras	167

Apresentação

A Livraria Pedro Cardoso, consoante o espírito de apontar algumas trilhadas inovadoras para a trajetória das edições em Cabo Verde, lançou-nos um desafio: agrupar em livro 100 poemas que considerássemos representativos da série literária cabo-verdiana.

A tarefa envolveria, decerto, algumas dificuldades, especialmente tendo em mente a riqueza da produção poética do arquipélago e da diáspora.

Vasculhando nossa memória, edições originais e antologias, analisando o que havia exposto na Web e, ainda, considerando as autorizações concedidas pelos autores ou familiares para a publicação de seus poemas no presente livro, procedemos à seleção de textos que, além de preencherem requisitos de qualidade, sobressaíssem no contexto do que havia sido publicado na sua época. Dessa forma, o critério de qualidade levou também em consideração a produção e o horizonte estético do momento da série literária cabo-verdiana em que cada poema escolhido foi publicado, permitindo, assim, ao leitor acompanhar a trajetória e o caráter inovador das criações cabo-verdianas ao longo do tempo. Ainda com esse escopo, a grafia original dos poemas foi mantida.

A organização dos textos obedeceu ao critério do ano de nascimento de seus autores, proporcionando ao leitor uma visão panorâmica das produções.

Não temos a pretensão de preencher todas as expectativas do receptor desta obra que, certamente, poderia conter outros textos representativos de uma poética de pertença cabo-verdiana. Mas esperamos que, apesar de cientes de que toda seleção depende de critérios que envolvem gosto, temáticas e posturas, a edição possa colaborar com a apresentação de um bom elenco de poemas produzidos por autores cabo-verdianos.

Érica Antunes Pereira
Maria de Fátima Fernandes
Simone Caputo Gomes
(Organizadoras)

Um cipreste

Ou de bronze as estátuas douradas,
Ou gigantes marmóreos padrões,
Representem das eras passadas
As grandezas, vitórias e acções.

Sejam vozes de eterna harmonia,
Da virtude o devido troféu;
Doire as sombras da morte a poesia,
Dê-lhes vida essa luz que é do Céu.

Sob as campas descanse o passado,
Que me soube tão ledo sorrir!...
No horizonte, de nuvens guardado,
Seus mistérios esconda o porvir.

Eu só quero em jardim florescente
Um cipreste saudoso plantar;
Em memória da vida presente
Este canto singelo ofertar.

Seja pois entre mil flores,
Uma planta funeral,
No quadro de alegres cores
O escuro mais natural.

Assim luzentes estrelas,
Com seu divino fulgor,
cintilam ainda mais belas
no espaço de negra cor.

Hera viçosa te abrace,
Oh! meu cipreste feliz!
Danoso insecto não passe
Em torno à tua raiz!...

E quando aragem ditosa
Nos teus ramos voltar,
Possas em memória saudosa
Meu nome aos vivos lembrar.

Antónia Gertrudes Pusich
(Ilha de São Nicolau, 1805 – Lisboa, Portugal, 1883)

A Ilha Brava

Há um país mimoso onde florescem
as rosas duma eterna primavera;
onde há matos floridos que parecem
os bosques peregrinos de Citera;

onde os vales sombrios de verdura
são catedrais de domos ondulantes,
e o incenso da baunilha se mistura
do cafezeiro às flores odorantes.

A laranjeira, a cidra, o limoeiro
são as colunas de sombria nave;
há um altar singelo em cada outeiro,
cada colina de pendor suave.

É organista a brisa maviosíssima
por entre os troncos sussurrando o cântico;
e são degraus da igreja formosíssima
as ondas azuis do oceano Atlântico.

E para em tudo ser um templo santo,
são anjos na beleza as meigas filhas
da ilha Brava, redobrando o encanto
à mais formosa das formosas ilhas.

Tudo respira nela amor, ventura!
e a minha terra a todos causa inveja
quando o nevoeiro a veste dessa alvura
dum véu de noiva, que entra numa igreja.

Cada manhã é uma hilaridade,
um delírio nas flores orvalhadas!
e do Oriente a rósea claridade
se reflecte nas ondas azuladas.

Mas, que mago pincel nos pintaria
seu pôr do sol, quando no mar se crava?
e quem pode cantar toda a magia
das belas noites da formosa Brava?...

quando a lua surgindo atrás dos montes
venerandos nos musgos seculares,
dilata numa glória os horizontes
como a Hóstia se eleva nos altares.

E há nos vales mistérios deslumbrantes,
luz e sombras, perfumes e cicio...
quem sabe se das flores ou d'amantes?...
oh! os mistérios dum luar sombrio!...

Ou quando o azul escuro das campinas
do céu esmaltam multidões de estrelas
brilhando como flores diamantinas
fulgentes, palpitanes... Noites belas!...

Jardim de Cabo Verde! paraíso,
onde os olhos abrindo à luz primeira,
de minha mãe num beijo e num sorriso
bebi o amor duma existência inteira!

Nós entramos na vida embevecidos
na infinita doçura desses beijos...
passa a infância... e após anos decorridos,
saímos... devorados de desejos!

Oh minha terra!... Exausto da romagem,
só no teu seio encontro algum descanso!
És o oásis florido, a branda aragem
do meu deserto, o plácido remanso!...

E eu que vaguei errante pelo mundo,
sem ter nenhum amor, nenhum esteio...
quando a ti fôr, cansado e moribundo,
abre-me, ó pátria, o carinhoso seio!

Dá-me um cantinho teu no cemitério,
à sombra dessas flores que amei tanto...
e onde talvez, da Morte no mistério,
eu goze ainda teu sublime encanto!...

Guilherme Dantas
(Ilha Brava, 1849 – Ilha de Santiago, 1888)

Endechas do Paul

Serei do meu berço natal o cantor,
Já que só de mágoas nos cerca o porvir;
Nos cantos singelos, ungidos de dor,
Da pátria e dos filhos traduzo o sentir.

Embora te cinjam de negros grilhões,
Te lancem no abismo, te roubem fulgores,
Caminha na senda que trilham vilões,
Que um dia liberta verás dos horrores!

Arrasta o teu lenho pesado da cruz,
Afronta o martírio, meu berço!... se choras,
Verás que algum dia te brilha uma luz,
Verás que algum dia te surgem auroras

Oh! Quantas crianças com a fronte perdida,
Sem ver da instrução nobre luz que conforto,
Entregues nas mãos de ignorantes sem vida,
Sem aulas, sem mestres?... tal delas a sorte!

Ladrões que envilecem, que roubam a nação,
Cinismo sem nome! Horrenda maldade!
Que aos vis afilhados procuram dar pão,
Lançando nas trevas gentil mocidade

Lamento os irmãos! Que por certo terão
Depois que chorar, maldizendo os pérfidos!
Sem crença e prazer, sem o sol da razão,
Nos ermos do mundo, curvados, perdidos!

Serei do meu berço natal o cantor,
Porque só de mágoas nos cerca o porvir!
Nos cantos singelos ungidos de dor,
Da pátria e dos filhos, traduzo o sentir!

António Januário Leite
(Ilha de Santo Antão, 1867-1930)

A Livraria Pedro Cardoso, consoante o espírito de apontar trilhas inovadoras para a trajetória das edições em Cabo Verde, lançou-nos o desafio de seleccionar 100 textos que considerássemos representativos da poética cabo-verdiana.

Não tivemos a pretensão de preencher todas as expectativas do receptor desta obra que, certamente, poderia conter outros poemas de pertença cabo-verdiana. Mas esperamos que ela possa colaborar com a exposição de um bom elenco de criações de autores cabo-verdianos, do século XIX até os dias atuais.

As Organizadoras



ISBN 978-989-99610-5-0



9 789899 961050